

"Um Sonho à moda do Porto"

Público, 26/09/1998

Rita Siza

Projecto:

Reabilitação da Rua Miguel Bombarda

IMPRESA

"Um Sonho à moda do Porto"

Uma festa a ocupar todo um quarteirão. Esta é, mais ou menos, a ideia dos vários agentes culturais que agora se instalaram na Rua de Miguel Bombarda, para marcar o dia de inaugurações, que será, segundo esperam, o dia zero de um novo pulsar para aquela artéria. Mas o objectivo é que a festa não se esgote quando se apagarem as luzes e saírem de cena as primeiras mostras, e que o espaço urbano possa, por si só, constituir um outro pólo de interesse digno de passeio e observação.

Assim, está já em estudo – por enquanto em anteprojecto – uma proposta de requalificação urbana do troço da Rua de Miguel Bombarda delimitada pelas ruas da Boa Nova e de Adolfo Casais Monteiro. O estudo, sem dúvida arrojado, passa pelo desvio do trânsito e pela transformação da via numa zona de peões, sucessivamente recortada por intervenções artísticas. Pode parecer exagero dizer que todo este “ressurgimento” da Rua de Miguel Bombarda saiu da cabeça do galerista Fernando Santos, mas, de facto, o seu empenho neste projecto é reconhecido por todos os intervenientes. “Toda esta ideia começa com o desafio que começou por ser a mudança do Fernando Santos para a Rua de Miguel Bombarda”, conta Filipe Oliveira Dias, o arquitecto responsável pelo estudo de requalificação urbana daquela artéria, a convite da Associação das Galerias de Arte Contemporânea do Norte de Portugal. “O Fernando Santos começou a tentar atrair outros galeristas para a rua. Só podia acontecer uma coisa: ou iam ou não iam. Foram, e assim começou um movimento, não só com as galerias, mas também com uma livraria, restaurantes e um bar”, prossegue. “Em certos meios começou a fazer-se uma referência positiva à rua como uma espécie de Soho”, lembra, salvaguardando as devidas diferenças.

Este grupo alargado chegou à conclusão de que a artéria necessitava de mais qualidade urbana. Propõe a Filipe Oliveira Dias que estude uma intervenção e, como este contou ao PÚBLICO, o trabalho nem foi particularmente difícil pelo facto de existir um escoamento natural e facilitado para o trânsito que utiliza aquela rua. “Fizemos um estudo e comprovámos que o trânsito ali é muito limitado. Há cargas e descargas para as actividades instaladas, mas, em média, só passam 70 carros por hora”, afirma Oliveira Dias. Um estudo semelhante para o estacionamento concluiu que, durante a noite, a rua é habitualmente ocupada por 23 automóveis. “Retirar o trânsito e o estacionamento é sempre polémico, mas neste caso concreto não é um gesto radical ou significativo”, observa o arquitecto.

Livre de trânsito e com esculturas

Aparece então a proposta – que hoje vai ser apresentada publicamente na sessão de abertura da livraria Assírio e Alvim – de um redesenho da rua. Livre do trânsito (garantindo-se sempre a circulação de emergência e de cargas e descargas), o espaço é dividido em partes iguais. Estas zonas destinam-se a seis painéis no pavimento, realizados por seis artistas plásticos (em granito e betões coloridos), e sete esculturas. A proposta esgota-se na discreta instalação de equipamento urbano: bancos e um expositor (diferente dos habituais “mupis”) com a informação das actividades culturais da cidade e particularmente daquela rua. A coroar toda a intervenção, Filipe Oliveira Dias estudou a possibilidade de transformar o cruzamento com a Rua da Boa Nova num pequeno largo, que alteraria a percepção da Torre da Marca, o edifício mais antigo da cidade do Porto, que continua em funcionamento. “Propõe-se um pequenino alargamento no espaço dessa zona, que seria depois tratado de forma a ter um poema escrito no pavimento”, (cont.)



"Um Sonho à moda do Porto"

Público, 26/09/1998

Rita Siza

Projecto:

Reabilitação da Rua Miguel Bombarda

(Pág. 2)

IMPrensa

"Um Sonho à moda do Porto"

(cont.) explica Oliveira Dias. Se a proposta avançar, a Rua de Miguel Bombarda passará a ter os dois extremos impedidos ao trânsito. No outro topo, a Câmara do Porto cortou a circulação quando converteu a Rua de Cedofeita em zona de peões. Mas, agora, poderá não estar tão interessada neste projecto, apesar de o responsável pelo Gabinete de Planeamento Urbanístico da autarquia, Guilherme Ferreira, ter considerado o projecto "excelente do ponto de vista urbanístico". Fernando Santos, contudo, mostra-se agastado com a posição que a autarquia terá assumido em relação à apresentação pública do anteprojecto. "Se calhar sentem-se ultrapassados", nota o galerista, acrescentando que "a câmara sempre esteve ao corrente de tudo o que pretendíamos fazer, foi convidada a participar, e de todas as cartas que escrevemos não obtivemos nunca uma resposta". Aliás, Fernando Santos considera até ridículo que depois da autarquia ter concordado com o programa inaugural, tenha feito os galeristas pagar uma verba de 60 contos para permitir hoje o corte da rua ao trânsito. Filipe Oliveira Dias está bastante optimista e limita-se a considerar que "seria bom manter o apoio que a câmara nos deu na fase inicial do projecto". Até porque, a fazer-se alguma obra, seria a oportunidade para dotar aquela artéria de todas as infra-estruturas de que ainda não dispõe. "Este projecto não implica grandes obras e estimo que possa estar pronto em cinco meses", diz o arquitecto. "Seria bom que houvesse interesse, e sobretudo pouca hipocrisia, para que este estudo evoluísse", remata. E, se isso acontecer, todos estes protagonistas acreditam que será um óptimo aperitivo para a grande revolução cultural que se prepara para a cidade no ano 2001.